

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE ESPOROTRICOSE PATOLOGIA CLÍNICA E DIAGNÓSTICO

Roberta dos Santos LIMA¹; Emerson Ticona FIORETO²; Amanda Oliveira do NASCIMENTO;
Olga Mariane Correia SANTOS;

Palavras-Chaves: *Sporothrix schenckii*; Felinos; Dermatopatia; Lesões cutâneas.

A esporotricose é uma dermatopatia ergodermatósica, causada por toxinas liberadas pelo *Sporothrix schenckii*, que é um fungo dimórfico e terrestre que decompõem matéria orgânica. Quando inoculado acidentalmente em humanos ou animais, torna-se patogênico e produz a esporotricose que se manifesta como uma micose subcutânea apresentando pápulas, nódulos e intensa coceira que ao evoluir apresenta úlceras, inflamações dermatológicas, ferimentos e até a necrose de tecidos (Almeida et al., 2009). Para este resumo, utilizamos as bases de dados Scielo, Pubmed, Google Acadêmico e os termos Felinos e Esporotricose no período de 2000 a 2024. É uma doença mais frequente em clima tropical e subtropical e é endêmica no México, Japão, Uruguai, Austrália, Peru, Guatemala, Colômbia e Brasil, onde se espalhou nos últimos anos (Lima et al., 2019). Atualmente é uma dermatopatia urbana, afetando cavalos, macacos, cães, gado, ratos, camundongos e felinos. O fungo alimenta-se de vegetação em geral como feno, roseiras, árvores e superfícies com várias plantas e musgos. O perigo de contaminação aumenta quando trata-se de objetos perfurocortantes, como espinhos ou cascas de árvores devido a lesões na pele. Felinos machos, principalmente não castrados, apresentam maior chance de serem acometidos por essa doença, devido a maior flexibilidade dos passeios pelos tutores permitindo contato com ruas, jardins e quintais (Almeida et al., 2018, Schubach et al., 2001). Os felinos contaminados são os principais vetores da esporotricose. A infecção pode acontecer por meio de contato direto do epitélio com o fungo ou de forma secundária, por meio de acidentes com animais contaminados. Assim, a esporotricose pode se propagar através de mordidas, arranhões de animais infectados ou assintomáticos e picadas de insetos, caracterizando-se como uma zoonose de contágio animal-humano e usualmente não contagiosa entre pessoas. No início pode ser pré-diagnosticada pelo aspecto da ferida que, sem tratamento, vai gradativamente piorando, tornando-se uma grave inflamação. As lesões cutâneas na face, nariz, orelhas e membros podem ser isoladas ou associadas, em muitos dos casos, com a presença de espirros e edemas no nariz dos felinos, acarretando dificuldades respiratórias. A presença de complicações respiratórias significa, frequentemente, uma menor probabilidade de recuperação, visto que elas geralmente são acompanhadas pelos sinais de desnutrição, desidratação e letargia que dificultam a progressão do tratamento (Almeida et al., 2018). O itraconazol e o cetoconazol são os antifúngicos mais utilizados no tratamento da esporotricose felina, sendo o primeiro o fármaco de eleição. Os iodetos, a terbinafina, a termoterapia local, a anfotericina B e a remoção cirúrgica das lesões cutâneas são outras opções de tratamento. Diversos estudos focam os aspectos terapêuticos da esporotricose em seres humanos, entretanto, na esporotricose felina, existem poucos relatos ou estudos de séries de casos.

Referências bibliográficas:

¹ Graduanda do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Sergipe. Email para correspondência: roberta42@academico.ufs.br

² Departamento de Morfologia e Docente do Curso de Medicina Veterinária, Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Sergipe

ALMEIDA, Adriana J. *et al.* Esporotricose em felinos domésticos (*Felis catus domesticus*) em Campos dos Goytacazes, RJ. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 38, p. 1438-1443, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pvb/a/W4y6kRMWDxZ5XKwjnqgVWKv/?lang=pt>. Acesso em 16 maio 2024.

ALMEIDA-PAES, Rodrigo *et al.* As condições de crescimento influenciam a melanização de isolados clínicos brasileiros de *Sporothrix schenckii*. **Micróbios e infecção**, v. 11, n. 5, pág. 554-562, 2009. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19328867/>. Acesso em 16 maio 2024.

LIMA, Rebeca Mól *et al.* Esporotricose brasileira: desdobramentos de uma epidemia negligenciada. **Revista de APS**, v. 22, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/>. Acesso em 16 maio 2024.

PEREIRA, Sandro Antonio *et al.* Aspectos terapêuticos da esporotricose felina. **Acta Scientiae Veterinariae**, v.37, n. 4, p.311-321, 2009. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/33469>. Acesso em 13 maio 2024.

RODRIGUES, Anderson Messias *et al.* Diversidade genética e perfis de suscetibilidade antifúngica em agentes causadores da esporotricose. **Doenças infecciosas do BMC**, v. 14, p.1-9, 2014. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_16636 DISSERTA%C7%C3O%20ISABELA.pdf. Acesso em 19 maio 2024.

SCHUBACH, T. M. P. *et al.* Isolation of *Sporothrix schenckii* from the nails of domestic cats (*Felis catus*). **Medical mycology**, v. 39, n. 1, p.147-149, 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/mmy.39.1.147.149>. Acesso em 16 maio 2024.

VARELLA, Drauzio. Esporotricose: causas, sintomas e tratamentos da doença que afeta humanos e gatos. **Portal Drauzio Varella**, 2023. Disponível em: <https://drauzioarella.uol.com.br/>. Acesso em 13 maio 2024.